

Resumo 5 (05/05): Território do Futuro - Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras

Daniela Businari, Fernanda Galesi e Julia Iba

A discussão sobre o “desaparecimento acelerado” do rural ocorreu paralelamente à modernização da agricultura no Brasil mesmo antes da década de 80. Nos países de capitalismo avançado, essa questão foi muito discutida no final da década de 60. No campo das Ciências Sociais, a ideia de desaparecimento do rural era esperada, considerando a hegemonia do industrialismo e da urbanização.

As mudanças relativas ao declínio do mundo rural foram explicadas por quatro ideias principais. Primeiro, o esvaziamento demográfico das áreas rurais, intensificado pelo êxodo rural (associado à modernização da agricultura), leva a pensar o campo como lugar secundário frente ao meio urbano. Segundo, a redução da participação da agricultura no PIB e a sua subordinação crescente ao setor agroindustrial, no qual a agricultura passa a ser dirigida pela indústria, concorre a sua perda de capacidade de produzir empregos e renda. Terceiro, a ideia da proletarianização dos agricultores e da generalização do modelo de empresa moderna com a expansão do capitalismo no campo favorece igualmente um olhar para a inferioridade do rural diante do mundo urbano. Por fim, a generalização da cultura urbana, impede enxergar o rural como lugar único e singular, o que leva à negligência com suas peculiaridades.

Porém, na década de 90, a literatura das ciências sociais se volta para as potencialidades do rural, considerando possibilidades de reformas para melhor integrar o urbano e rural. Assim, alguns países passam a ter processos de recomposição de seus espaços rurais. Na França, por exemplo, a *Confédération Paysanne*, desde o final dos anos 1980, contesta as políticas agrícolas de desenvolvimento rural, gestadas de acordo com o modelo modernizador, o que provoca o desaparecimento de muitas unidades produtivas.

Neste período emergem, então, as ideias de renascimento rural, de reconstrução da ruralidade e, principalmente, de considerar os **espaços rurais como territórios do futuro**. Observa-se que essa nova visão parte das controvérsias no âmbito do debate clássico sobre a questão agrária. Duas principais posições polares podem ser mencionadas aqui: aquela enfatizando a homogeneização dos territórios rurais, que concebe o rural como constructo social em declínio e aquela considerando a reconstrução e ressignificação, que preza a valorização das singularidades do rural, sugerindo uma complementaridade entre o meio rural e o urbano como realidades interdependentes.

Com efeito, essa última posição, observa o rural contemporâneo dos países de capitalismo avançado a partir de algumas tendências, permitindo conceber o rural como um lugar de revitalização demográfica, com maior dissociação do agrícola; prestando para residência para trabalhadores urbanos, abrigando famílias de agricultores crescentemente pluriativas e pensado como território do futuro. Essa última ideia se associa a uma nova forma de gerir cotidianamente uma natureza próxima, apreciando suas amenidades e minimizando riscos de diferentes naturezas. Este tipo de ressignificação do rural se vincula à visão cada vez mais negativa do espaço urbano, que cresce de forma desordenada, condenando as famílias que vivem em grandes centros a uma qualidade de vida medíocre.

No contexto nacional, a discussão sobre as ressignificações e as tendências do rural pode ser apresentada da seguinte forma:

1) Característica do rural brasileiro

No Brasil, entende-se que o rural é “tudo aquilo que não é uma aglomeração dotada de alguns serviços”. Todavia, essa definição é considerada equivocada, pois transmite a falsa ideia de um país mais urbano do que é de fato. Na verdade, muitos municípios que são classificados

como urbanos, na realidade são predominantemente rurais, o que muitas vezes é ignorado. Apesar desse equívoco, a importância do rural no Brasil é incontestável e, por esta razão, é pertinente discutir suas principais tendências e características. O Brasil apresenta entre os anos 1996 e 1999 uma redução da migração inter-regional e um aumento da população ativa ocupada na agricultura. Grande parte desta última era representada por agricultores que trabalhavam com suas famílias, o que mostra que o modelo produtivista brasileiro fundada na grande propriedade modernizada deixa margens para a agricultura familiar.

2) O rural e a agricultura

No ano de 1999, a população ativa na agricultura chegou 25%. Por volta dos anos 2000, foi estimado um aumento da população rural não agrícola, o que leva a repensar o desenvolvimento econômico e social. As atividades não agrícolas no meio rural integram os processos de diversificação e pluriatividade, que é uma prática que objetiva complementar a renda do produtor. Entretanto, apesar desse aumento verificado da população não agrícola no mundo rural, de toda a população que trabalha na agricultura no Brasil, apenas 2,3% possuía uma atividade não agrícola, mostrando que a pluriatividade ainda continua sendo amplamente minoritária em meio rural.

3) O rural como residência e lugar de lazer para os cidadãos

O olhar sobre o rural como residência tende a expandir. O rural pode ser visto como moradia de aposentados e pessoas que trabalham em grandes centros urbanos. O problema é que o campo, para ser usado como residência dessas pessoas, deve estar nas proximidades urbanas para facilitar a mobilidade e a oferta de serviços. De fato, no Brasil, o rural é muito pouco considerado como lugar de residência, principalmente por ser visto como precário. De todo modo, o rural pode ser visto pela perspectiva do turismo, ou seja, esses espaços podem ser utilizados para lazer, apreciação da paisagem, aventura e conhecimento da cultura local. Contudo, existe o desafio de enfrentar a falta de estrutura, retratada principalmente na precariedade das estradas e dos serviços que são oferecidos nessas localidades.

4) O rural e a questão ambiental

A legislação ambiental no Brasil é menos restrita ao uso das terras rurais, aquelas fora de áreas de preservação. No entanto, a questão ambiental provoca crescentes críticas ao modelo produtivista, o que acontece no Brasil, mesmo que em menores proporções do que nos países europeus. Por exemplo, o Movimento Sem Terra (MST) vem crescentemente incorporando os debates mais gerais contra a agricultura moderna, encorajando os seus militantes a adotar práticas agrícolas menos agressivas e mais conservacionistas. Tal fenômeno ocorre notadamente porque os consumidores passam a ter maior preocupação com a qualidade do alimento e, assim, os produtores se orientam para a busca de alternativas sustentáveis de agricultura no meio rural.

5) Os agricultores e suas estratégias de reprodução

Os agricultores familiares brasileiros adotam algumas estratégias que valorizam o espaço rural, o que contribui para a construção de um novo espaço social da ruralidade. Por exemplo, convém citar a diversificação dos estabelecimentos, a adoção de pluriatividade de tipo para-agrícola, o associativismo e a agroindustrialização em pequena escala. Essas estratégias possuem um caráter grupal e coletivo, o que permite pensar em novas territorialidades em construção.

6) Territórios do futuro: as potencialidades e singularidades do rural brasileiro

Em grande medida, os agricultores se esforçam para viabilizar sua permanência no rural e na agricultura. No Brasil, a atividade agrícola é menos regulamentada que em países da Europa e as ações governamentais de apoio à agricultura familiar também são mais restritas. Contudo, pode-se dizer que aqui há grande potencial para iniciativas e para ampliação das funções e usos do meio rural.

No contexto brasileiro, a discussão sobre o rural como território do futuro é alicerçada sobretudo pela mobilização dos sem terras e pela implantação de assentamentos, com perspectiva de combater a fome e a exclusão social. O cerne da questão assim é a revitalização rural, permitindo atribuir novos sentidos à ruralidade do país. Nesta ótica, o rural pode ser visto como um território do futuro, o que pode ser favorecido pelas referências ambientais.